

## AS DIFERENÇAS E AS CRISES DE IDENTIDADE NO INTERIOR DE UMA SALA DE AULA

Bárbara Conceição da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Este trabalho aborda um relato de experiência em uma turma de primeiro ano, no município de Duque de Caxias (Rio de Janeiro), envolvendo a literatura infantil a partir da leitura do livro “Minha família é colorida”, de Georgina Martins, levantando questões como a formação étnico-racial, a multiculturalidade, a questão de gênero, as diferenças, dentre outros conteúdos, que possibilitassem a construção do conhecimento de maneira significativa, na partilha de ideias e conceitos entre professora e alunos. Admite-se notória e inevitável a questão da educação das relações étnico-raciais e das diferenças no espaço escolar e, mais especificamente, na turma em questão. Compreende-se que a escola além de ser um espaço democrático, deve difundir valores e crenças e promover a valorização do indivíduo independente de sua crença, religião ou pertencimento racial. Além da literatura infantil, ideias como a interdisciplinaridade e gênero também permeiam as atividades. O argumento surgido para o desenvolvimento foi: Como subsidiar a mudança de comportamento e formação da identidade cultural e social desses estudantes para que se tornem efetivos cidadãos? Como metodologia da pesquisa lançou-se mão da qualitativa por objetivar a compreensão e o porquê da concepção de pensamento e comportamento desses estudantes com identidades ainda não definidas. Pressupõe-se que o comportamento assim como a formação do caráter e identidade cultural e social de cada ser humano é percebido a longo prazo. Para tais discussões utilizei autores que dialogam com estudos culturais, como Candau, Hooks, Macedo e Miller.

**Palavras-chave:** Multiculturalismo, Diferenças, Identidade.

### INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido durante a disciplina “Por uma Didática Intercultural: lidar com a diferença na escola”, ministrada pela professora Danielle Bastos Lopes, no Curso de Mestrado Profissional do CAPUERJ (março/2019 a setembro/2019). Este estudo tem como objetivo apresentar os desdobramentos ocorridos durante a aplicação de atividades oferecidas ao Ensino Fundamental I, mais especificamente a uma turma do segundo ano do ciclo de alfabetização (turma 201).

A turma 201, composta por 24 alunos, com idades entre 7 e 8 anos, é oriunda do Ciep Brizolão Municipalizado 227 Procópio Ferreira, do município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro. A maioria dos alunos ingressou nesta instituição na Educação Infantil.

---

<sup>1</sup> Professora do Ensino Fundamental SME/D. de Caxias - SME/RJ e Aluna especial do Programa de Pós-graduação em Educação Básica Cap-UERJ - RJ, babix967@gmail.com;

Desde início do ano letivo de 2018, o coletivo de professores em conformidade com o PPP elegeu o Projeto Centenário de Nelson Mandela: reconhecendo e reafirmando nossas raízes africanas com objetivo de promover uma nova visão da história dos africanos, valorizando sua cultura e os reflexos sobre a vida do povo brasileiro em geral. Devido a proposições diversas, decidiu-se prorrogar o projeto por mais um ano, 2019. Conforme Projeto referido acima, propôs-se nesse contexto e incorporado ao Planejamento anual, um subprojeto: África/Brasil e suas identidades. Esse subprojeto tem o objetivo de proporcionar um currículo intercultural através de abordagens “multi/diversas” sobre a África, suas raízes e influências sobre a formação sócio étnico racial do povo brasileiro. Propondo uma linguagem com nível de entendimento e alcance de crianças na faixa etária citada, fez-se um resumo oral da história do nosso Brasil, seu “descobrimento”, a chegada dos portugueses, composição humana, seus primeiros habitantes, as origens de seu povo... assim chegamos na África. O tema escolhido para o nosso subprojeto foi o Calendário anual de 2019 com as datas comemorativas, especialmente, do calendário africano. Dessa forma, aos poucos, vamos conhecendo um pouquinho das africanidades desse país e suas influências no Brasil. A cada mês trabalhamos uma data comemorativa através de pesquisa, salientando o motivo de tal homenagem, comemoração e assim, as crianças vão confeccionando e dando vida ao calendário que são entregues mensalmente em branco. Após seis meses do referido subprojeto, os estudantes já reconhecem e/ou identificam o mapa da África, um pouco de sua história e influências e o mapa do Brasil já conhecido anteriormente por alguns.

A turma 201 é heterogênea, composta por alunos de etnias nem tão diversas. Essas crianças são de comunidades do entorno da escola e apresentam muitas dificuldades financeiras e de estrutura, com hábitos e costumes bem parecidos que compartilham dos mesmos espaços comunitários. Realidade esta percebida nas relações de uns com os outros, com a escola e com o conhecimento, pois nem sempre conseguem ter o apoio e a valorização que necessitam para uma melhor convivência. Apesar disto, acredita-se no potencial de cada uma dessas crianças e de como podem subverter a realidade, buscando o melhor desenvolvimento possível.

O referido projeto ganhou alma após o início da disciplina Por uma didática Intercultural que abrange múltiplos assuntos que deveriam literalmente dar vida a um currículo da diversidade brasileira no interior das escolas.

Apostando na escola como espaço de propagação de/da cultura e percebendo a crise de identidade étnico racial infiltrada em nossa escola e, particularmente, na turma 201 onde atuo como professora regente, apoio-me nas recentes leituras recentemente realizadas na atual disciplina “Por uma Didática Intercultural”, nos PCN’s percorrendo os temas transversais, no

Projeto anual da escola que dá vida ao PPP do Ciep 227 Procópio Ferreira onde leciono e ainda em minha pequena experiência de vida como afrodescendente que sou, sigo na tentativa de proporcionar oportunidades a esses estudantes para que possam despertar e se encontrarem fisicamente no mundo em que vivem como pessoas que são, em seus gêneros, características físicas, étnico raciais, regionais etc., que se percebam e se aceitem como são.

As pessoas acham que para acadêmicos como Glória [o nome que meus pais me deram] o mais importante são as diferenças; mas com ela eu aprendi principalmente sobre as semelhanças, sobre o que eu, como negro, tenho em comum com as pessoas de cor, com as mulheres, os gays, as lésbicas, os pobres e qualquer outro que queira entrar. (HOOKS, 2013, p. 33)

Alguns professores das classes regulares do Ciep 227 juntamente com os professores das atividades extras classes, principalmente a sala de leitura e educação física, vem há algum tempo, percebendo a indiferença entre uns e outros alunos quanto a sua cor de pele, seu tipo e textura de cabelo, os “xingamentos” que configuram práticas de racismo, preconceito e discriminação no contexto escolar ainda que tenham a mesma cor de pele e/ou etnia, no caso os de pele preta, pois, muitos não o reconhecem como tais; enfim, a não aceitação das diferenças, de sua cor de pele, o não pertencimento racial. Todos esses fatos levam a propostas voltadas para esses fins, ou seja, da conformidade e harmonia racial.

Dispondo-me desses fatos e ocorrências, apoiei-me no projeto do PPP (Plano Político Pedagógico), no subprojeto anual da turma, simultaneamente com a disciplina cursada, trago como objetivo esclarecer aos estudantes a formação étnica do povo brasileiro através da história do mesmo, a mistura de/das raças à luz do multiculturalismo, e diferenças que reverberam em toda a sociedade mundial, na intenção de sanar e/ou contribuir para minimizar essa crise existencial e de identidade presente na comunidade escolar, mais especificamente na turma 201.

O comportamento do indivíduo, dada a sua natureza humana, é bastante variável e complexo; o mesmo pode ser influenciado, porém, nunca moldado. Pressupõe-se que o comportamento assim como a formação do caráter e identidade cultural e social de cada ser humano é percebido a longo prazo.

## **METODOLOGIA**

Candau (2008), tece sobre a multiplicação das tensões e conflitos entre os diferentes grupos socioculturais em diversos países, assim como a identificação de aspectos que permitam oferecer aos educadores e educadoras contribuições para trabalhar este tema no cotidiano escolar.

As diferenças culturais - étnicas, de gênero, orientação sexual, religiosas, entre outras – se manifestam em todas as suas cores, sons, ritos, saberes, sabores, crenças e outros modos de expressão. As questões colocadas são múltiplas, visibilizadas principalmente pelos movimentos sociais, que denunciam injustiças, desigualdades e discriminações, reivindicando igualdade de acesso a bens e serviços e reconhecimento político e cultural. (CANDAUI, 2008, p.240)

Assim, foi possível pensar quais estratégias e metodologias poderiam ser utilizadas. Este trabalho foi realizado através de uma experiência de campo no Ciep 227 no município de Duque de Caxias – RJ, onde leciono.

Lançou-se mão da pesquisa qualitativa etnográfica por apresentar um caráter experimental, baseado em atividades didáticas (concepção, realização, observação e análise), sua importância e contribuições nos estudos que envolvem o ambiente educacional e com o objetivo de entender o porquê de determinados comportamentos do grupo de estudantes naquele ambiente social.

A metodologia qualitativa foi utilizada através de observação sistemática e assistemática, análise dos levantamentos de dados familiares através de pequenos relatórios enviados individualmente pelas crianças aos pais e conversas a respeito da temática aqui abordada. Algumas conversas para obtenção de dados foram provocativas e outras espontâneas. Especulou-se conceitos advindos da turma, salientando fatos apreendidos daquele contexto.

Refletindo sobre a problemática vivenciada e a pesquisa acima citada, me ancoro e me encorajo nas palavras de FREIRE, 1996:

“Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador” (p.32).

Quanto a indagação, pensou-se em como a retratação figurada, ou seja, através de desenhos, à partir de pesquisa/levantamento de dados familiares poderiam ser subsídios eficazes para esta construção, assim como os obstáculos didáticos ocorridos, por meio de mediação pedagógica e, conseqüentemente, na busca por uma efetiva aprendizagem e pensamentos críticos.

Desta forma, inicialmente pensou-se em analisar a turma, recordar e colocar em pauta memórias, alguns momentos vivenciados na sala de aula e seus arredores que nos remetessem ao assunto tratado.

MILLER, J.L. (2014, p. 2051) fala dos processos típicos de ensino e aprendizagem, processos subjetivos, complexos que surgem no entendimento de currículo. Assim, ancorando-

me na mesma, sobre “tudo que habita, permeia e ocorre tanto dentro quanto fora da sala de aula”, adentro na perspectiva desse projeto.

Eu vejo, portanto, a teorização de currículo como crucial, por exemplo, para permitir que professores e professores, desenvolvedores e pesquisadores de currículo entendam, em particular, as histórias de nossas circunstâncias atuais. Tal compreensão é necessária – de novo e sempre –, não só para complicar noções de currículo concebidas *somente* como conteúdo ou como meios para um fim – ou seja, notas mais altas –, mas também para constantemente interrogar nossas próprias suposições automáticas. Não importa quais sejam nossos contextos e posições educacionais, creio que todos precisamos nos engajar em tais interrogações mesmo quando investigamos, por exemplo, práticas discursivas históricas e contemporâneas e relações de poder e seus efeitos nas construções de identidades e práticas escolares “preferidas” que estão na base de qualquer resposta à pergunta clássica de currículo, “qual o conhecimento mais válido?”. (MILLER, 2014, p.2050)

As atividades propostas foram realizadas com a turma num período de três aulas. Para tal, pensou-se na utilização de recursos que aliassem tanto o concreto - desenho do rosto e cabelo da figura masculina e feminina de cada membro da família e a pintura das mesmas utilizando, principalmente, os lápis de cera cor de pele negra promovendo um ambiente significativo e prazeroso. O lápis de cera cor de pele negra foi o recurso crucial utilizado na atividade, pois, teve o principal propósito de provocar inquietação na mente dos estudantes envolvidos, fazer com que percebessem a diversidade de tons da pele negra; preta como eles conhecem; certamente utilizou-se também o lápis “cor de pele” – que representa a pele branca – já conhecida por todos anteriormente. As cores dispostas na caixa de lápis teve seu desígnio obtido. Foi notável a tempestade de expressões, espantos. Foi possível constatar o envolvimento, entusiasmo e a euforia de cada criança ao confeccionar cada rosto dos membros de seus familiares. Outra questão relevante e emocionante foi a do aluno “Gu” que tem pai separado e mora com sua mãe. Ao preencher os dados dos familiares do pai do aluno, a mãe escreve os nomes e cor de pele dos avós paternos mas, não cita nem o nome e nem a cor de pele do mesmo. Fato não observado com outras crianças com situações semelhantes. Com carinho e cautela entreguei ao aluno as carinhas com os formatos masculinos e femininos para a personalização dos avós paternos explicando-o que sua mãe não havia repassado os dados de seu pai e, por esse motivo ele não faria a sua caricatura. Muito triste e de cabeça baixa o aluno disse: “mas eu sei como ele é”! Então perguntei se ele queria fazer a caricatura do pai, não foi espantoso o aluno responder que sim. Então o deixei fazer com a responsabilidade de explicar o fato ocorrido à mãe na primeira oportunidade que tivesse já que o aluno mostrava-se triste e constrangido ao ver seus amiguinhos com sua ficha e posteriormente a árvore completa composta, no mínimo, com seus pais.

Além da literatura infantil, ideias como a interdisciplinaridade e gênero também permeiam as atividades, pois se pensa num ambiente que possibilite ao aluno um olhar mais crítico, mais consciente, mais dinâmico sobre o conhecimento.

Como objetivo geral deste trabalho pensou-se em investigar se houve mudança de comportamento, se a situação didática criada, ou seja, a presença dos recursos principais transformaram ludicamente o ambiente da sala de aula num espaço vivo e real, proporcionando aos estudantes um efetivo fenômeno de construção do conhecimento assim como mudanças de comportamentos.

Após breve anúncio da atividade, foi entregue a cada criança uma pequena ficha para preenchimento de dados como nomes e cor de pele dos pais, avós e bisavós maternos e paternos de cada aluno (a). Especificou-se o motivo pelo qual não incluiríamos os irmãos dos mesmos, se fosse o caso de tê-los. Pois, a intenção era inicialmente alcançar a turma 201 e, que, seus novos conhecimentos, hábitos e atitudes reverberassem nos espaços escolares onde também ressoam tais questões.

## **DESENVOLVIMENTO**

Iniciou-se a história solicitando às crianças que observassem a capa do livro e seus elementos, levantando hipóteses a respeito do que poderiam se deparar no decorrer da leitura. A turma já é habituada à leitura de imagens, dessa forma, tanto os leitores quanto os não leitores o fizeram. Muitos foram os comentários traçados em torno do que observaram e/ou leram. Propuseram tratar sobre amigos, pessoas de diversas “cores”. Posteriormente, a professora propiciou um debate sobre as possibilidades quanto ao nome do livro. A literatura infantil em questão, “Minha família é colorida” da autora Georgina Martins, trata da história de um menino chamado Ângelo que se vê em meio a uma família onde, após a observação de todos os membros, questiona sua mãe sobre seu biotipo. Pergunta por que seu cabelo e o do pai não “vua”, se ele passou cola no cabelo deles; por que o cabelo dela e o de sua avó Marli “vuava”, e o do seu irmão Camilo “vua” um pouco. Sua mãe pegou foto da bisavó paterna de Ângelo e mostrou como eles eram parecidos, por esse motivo ele era “bem moreno”. Ainda insatisfeito com a explicação, Ângelo pergunta se ela também era bisavó de seu irmão Camilo. Ao saber que sim, perguntou por que então a pele do Camilo era branca e a dele não era. Foi então que a mãe de Ângelo desfez toda a confusão na cabeça de Ângelo contando-lhe sua ancestralidade até seus bisavós maternos e paternos. Iniciando por seu bisavô que se apaixonou pela cor da pele de sua bisavó que era negra como a noite e pelos seus olhos que eram pretos como

jabuticabas maduras. Assim como sua bisavó se apaixonou pelo seu bisavô que tinha os olhos azuizinhos como o céu e também pela cor de sua pele que era branca como um copo de leite. Sua mãe prosseguiu até que chegasse em Ângelo e em seu irmão Camilo. Enfim, o menino ouviu e compreendeu tudo, inclusive o porquê que seu cabelo não “vuava” e a pele dele era daquela cor. Ângelo encerrou o assunto dizendo que amava sua família “colorida” e que ela era tão bonita quanto a sua caixa de lápis de cor.

A questão da interdisciplinaridade surgiu como uma oportunidade de construção de sujeitos críticos, ativos, conscientes. A escolha do livro se deu em virtude da possibilidade de desencadear a compreensão e a percepção da multiculturalidade e diversidade sócio étnico cultural do primeiro grupo social do qual fazem parte - a família – e na sociedade em geral. A intenção é fazer com que a escola seja um espaço de construção de sujeitos mais críticos e conscientes, capazes de refletir e compreender as mais infinitas relações e aceitação de si próprio e do outro. A promoção de um diálogo entre os estudantes, viabiliza ao aluno a releitura da sua realidade, favorece a observação e análise dos diferentes comportamentos e, portanto, levando-os a serem ativos na transformação de sua realidade dentro de um contexto histórico, social e cultural, possibilitando aos mesmos um enriquecimento nas relações com o outro e desta com o mundo, com o saber e com a cultura. “Tradicionalmente, nas perspectivas funcionalistas que apostam na harmonia social, a principal função da escola é a socialização dos sujeitos, tornando-os capazes de partilhar a cultura, uma mesma cultura. A educação forma, assim, sujeitos cultivados”. (MACEDO e LOPES, 2013).

Ainda sobre a história “Minha família é colorida” que mostra as quatro gerações do menino Ângelo, a aluna “Anlu” percebeu que, no desenvolver da mesma, após tantos anos, gerações após gerações nasceram apenas homens. Ela disse: “só nasce homem nessa família”! vimos aí a questão do “gênero” que também permeia a história”. Foi uma percepção que despertou novas indagações. Percebe-se dessa forma a “luta” ou a “discriminação” de gênero, quem sabe até o lado machista da mesma que dizima as pessoas do sexo feminino! Elas somente surgem para se juntarem aos homens em casamento e, após, “procriarem”.

A perspectiva intercultural crítica de educação, se assenta na concepção de uma educação emancipatória que, como afirmou Vera Candau (2012b, p. 48), tem as ações fundamentais de desconstruir preconceitos e discriminações, articular igualdade e diferença, resgatar no nível individual e coletivo “processos de construção das nossas identidades culturais”. (SILVA, 2015, p.176)

Prosseguindo no desenvolvimento da atividade, de posse dos dados, com os lápis expostos na mesa, um aluno por vez era chamado para a escolha do lápis que melhor representasse o tom de pele relatado por seus pais na ficha de dados de cada membro. A

professora mediu apenas na leitura dos dados já que nem todos os alunos são leitores. A escolha do lápis que representava o tom de pele de cada membro foi feita pelo próprio aluno que, na maioria das vezes, apresentava dúvida na escolha dos mesmos. A maioria pegava os diferentes tons e comparava a sua própria pele para melhor identificação. Primeiramente confeccionou-se a caricatura da mãe e de seus avós maternos e, posteriormente, do pai e seus avós paternos. A criança desenhava o tipo de cabelo, pintava além da cor da pele, o tom dos cabelos, lábios, desenhavam tranças, turbantes, lenços etc.

Ao identificar caligrafias diferentes no preenchimento da pesquisa de um mesmo aluno, indaguei-o sobre as mesmas e ele respondeu que a mãe preencheu a parte dos familiares dela e pediu ao pai que preenchesse os dados de sua família. Achei bastante interessante, pois, fiquei a imaginar a emoção e/ou possíveis sentimentos passados pelo aluno vendo o envolvimento familiar. Ao longo das leituras dos dados dos demais alunos, tive a alegria maior ao ver que outras duas alunas também tiveram o preenchimento realizado pelos pais, ou seja, cada um preenchendo os dados de sua própria família. Esse foi um acontecimento por demais positivo, pois, acredita-se que o aluno tenha construído bem melhor o conceito da árvore genealógica, da formação das famílias. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (BRASIL, 1996, p.60): “Educar no âmbito da legislação brasileira é um processo de corresponsabilidade família/Estado/sociedade e passa necessariamente pela educação escolar”.

Consumada a etapa de confecção das caricaturas familiares, segundo dados preenchidos pelos pais, cada estudante preencheu sua árvore colando cada membro familiar em seu respectivo lugar com o apoio da professora. Foi surpreendente ver o quão etnicamente idênticas eram formadas as árvores dos estudantes que compunham a turma 201, moradores da comunidade de Nova Campina.

Carecemos então da caricatura dos protagonistas. Chega enfim, o momento tão esperado por mim, professora. Aquele pelo qual verificaria e/ou observaria dentro de um objetivo específico, a mudança de opinião, visão e/ou identitária dos alunos que, visivelmente negros, intitulavam-se de etnia branca. A observação se daria no momento em que cada estudante, agora, caracterizaria a si próprio sem a intervenção dos pais ou professora. Recorreriam apenas aos elementos e/ou dados apresentados no decorrer da aulas como cartaz com pesquisa segundo o IBGE sobre as etnias existentes no Brasil e influências sofridas, fotos de famosos populares conhecidos por eles representando cada etnia mostrada pelo IBGE e exemplos dados pela própria família ao relacionar cada membro familiar solicitado a sua cor de pele.

Muitas foram as surpresas ao observar os alunos recorrendo por si próprios às novas informações, pegando os lápis cor de pele negra e reconhecendo-os como tais. Pegavam um lápis e outro encostando em seus braços, comparando-os, escolhendo o que melhor se adequava ao tom de sua pele. É claro que também recorreram ao tão já conhecido, anteriormente, “lápis cor de pele”. Engraçado como muitos disseram: a “Safe” (uma das alunas) tem de usar o “lápis cor de pele” – branca; a “Nika” tem de usar esse aqui (mostravam o tom mais escuro do lápis cor de pele negra). Observou-se que, alguns alunos, apesar de terem compreendido as diferenças continuaram com a mesma opinião sobre a sua cor e/ou tom de pele preta ou branca; outros reconheceram-se negros. “Lah”, uma aluna que sempre intitulou-se como branca falou: eu sou negra, a cor da minha pele é igual a dela (mostrou a foto de uma das famosas que representava aquela cor, segundo o IBGE). A forma estereotipada de perceber a si e ao outro, sabotando-se e frustrando-se colabora para a fragmentação da sua identidade e autoestima.

Complementaram orgulhosos a confecção de suas árvores genealógicas. Alguns alunos falaram que suas famílias eram coloridas assim como a família de Ângelo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Interpretando os resultados obtidos, observei que foi positivo; apesar de apenas 3 alunos num total de 24, se manifestarem oralmente, posicionando-se ou fazendo colocações.

“Anlu”, no decorrer da história, disse: “só nasce homem nessa família!”; ou seja, a aluna percebeu que, durante décadas, só nasceu homens na família de Ângelo.

O aluno “Gu” apresentou o lápis que caracterizava o seu tom de pele e mostrou outro que representava a cor de pele de “Nika”; diferenciando-os. Ele também comentou sobre o lápis que “Safe” (aluna de pele bastante branca) deveria usar; o “lápis cor de pele” “oficialmente” conhecido, da outra caixa de lápis de cor.

“Lah, após declarar-se branca por um bom tempo, reconheceu-se negra e disse: eu sou negra, a cor da minha pele é igual a dela (falou apontando para uma das famosas que representava aquela cor em um cartaz fixado na sala de aula).

Os demais alunos, manifestaram-se apenas através de suas caricaturas. E, analisando as mesmas, observou-se que uns permaneceram e outros que mudaram suas posições sobre os seus tons de pele e/ou etnias.

Sabemos que o comportamento do indivíduo, dada a sua natureza humana, é bastante variável e complexo; que o mesmo se transforma ao longo do tempo e que podemos até influenciar no processo de construção do mesmo, porém, não o moldamos; assim como não podemos moldar sua identidade. Por esse motivo, não temos resultados oficiais no momento, pressupomos resultados oficiais do mesmo a longo prazo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta e a sequência de atividades diversificadas, todavia, encadeadas, foram notavelmente aceitas, agradáveis e compreendidas por todos; inclusive àqueles que, geralmente, demonstram-se apáticos pela maioria das atividades. Ao longo dos dias de atividades desenvolvidas foi possível observar diversas e surpreendentes atitudes e condutas de tolerância consigo próprio e com o outro. As primeiras mudanças foram verificadas tanto no modo de agir quanto no modo de interagir e de se expressar de cada aluno. Digo “primeiras mudanças” porque essa é apenas uma incursão que objetiva a formação do caráter e identidade cultural e social de cada estudante visando futuros e efetivos cidadãos e isso pressupomos ser a longo prazo.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de Dezembro de 1996. 17 ed.

CANDAU, V. M. (2011) Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, B. (2013). Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – São Paulo - SP Brasil.

MACEDO, E., LOPES, A.C. (2013). Teorias do currículo [livro eletrônico] / Alice Casimiro Lopes, Elizabeth Macedo. - - 1 . Ed.- - São Paulo: Cortez.

MILLER, J. L. Teorização do currículo como antídoto contra/na cultura da testagem. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 03 p. 2043 – 2063 out./dez. 2014 ISSN: 1809-3876

SILVA, SMV. Processos avaliativos e formação docente na perspectiva intercultural crítica de educação. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1 – pag 176-187 (fev - mai 2015): “Artes de educar”

